ANNAES

DA

ASSOCIAÇÃO CATHOLICA PORTUGUEZA

EM BENEFICIO DAS

MISSÕES NAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

DE

ANGOLA, S. THOMÉ E PRINCIPE, MOÇAMBIQUE E TIMOR

Approvada pelo Ex.mo e Rev. Senhor

DOM JOSÉ SEBASTIÃO NETO

BISPO DE ANGOLA E CONGO

Julho de 1882 — N.º 1

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1882

INTRODUCÇÃO

As missões portuguezas nos dilatados dominios de além mar, continúam ainda em grande e deploravel abandono. Morrem, principalmente nas duas Africas occidental e oriental, Angola e Moçambique, centos e centos de pessoas de todas as edades, annualmente, sem sacramentos ainda os mais necessarios para a salvação, e sem outros meios indispensaveis para conservar e animar a fé n'aquelles em que se dá algum vislumbre d'ella.

Particularmente, na Diocese occidental — Angola e Congo, com a chegada do Senhor Bispo D. José Sebastião Netto, grandes esperanças surgiram, de que a Religião catholica muito ali progrediria, em vista da sincera e firme dedicação de que ia animado.

Com effeito o zeloso Prelado tem procurado desempenhar a sua ardua missão, como abaixo se verá da sua correspondencia, e outras.

Mas... que póde fazer um Bispo n'uma das mais atrazadas e dilatadas Dioceses da Egreja Catholica, sem padres que o coadjuvem, e sem meios para occorrer ás grandes e urgentissimas necessidades a que lhe cumpre acudir?

Por mais viva que seja a fé, por mais subido que seja o zelo, e por mais larga que seja a esphera de ambições legitimas, não póde deixar-se de cair em algum frio, descer a alguma tristeza, ou o que importa o mesmo: desanimar algum tanto.

Não admira: o mesmo Job dizia de si: Nem eu me reconheço com a fortaleza da pedra, nem se dá em mim a consistencia do bronze.[1] E mais adiante: A minha alma tem tedio á minha vida, soltarei a minha lingua contra mim, fallarei na amargura da minha alma.[2]

E o proprio S. Paulo, tão mimoso da Graça, que nunca o desamparou, escreve de si: Fomos mal tratados desmedidamente acima das forças da nossa natureza, de sorte que até a mesma vida nos causava tedio.[3]

Se pois varões tão gigantes passaram tempestades de afflicções, desgostos e tedio; o bom Bispo de Angola agora se vê a braços com ellas, embora em semilhança pelo zelo, que não póde realisar a favor de filhos, que a seus olhos se estão condemnando a supplicios eternos!

E na verdade este estado deduz-se de uma carta do Senhor Bispo, que vimos, chegada no ultimo paquete de Angola. Sua ex.ª falla já em regressar a Portugal, passado algum anno, ou mais, declarando porém, que em cousa alguma deslisará da vontade de sua Santidade Leão XIII, regressando ao seu posto.

O intrepido Prelado allega falta de meios, e esta falta refere se a não ter padres, nem recursos em dinheiro.

Quanto aos primeiros, Deus perdoe a quem tem culpa do estado a que se chegou; quanto aos segundos muito póde fazer-se desde já.

Quem poderá subtrair-se a concorrer com uma esmola modica, que não empobrece ninguem, e que sendo generalisada póde montar a boa somma para allivio do pobre Bispo de Angola e Congo?

Quantos centos, quantos milhares de pessoas não estão nas circumstancias de dispensar 40 réis por semana, ou dobrada a dozena 20 réis, por semana, se ha boa vontade de vir em auxilio á nossa provincia de Angola, que tanto soffre a respeito de recursos espirituaes e temporaes correlativos?

[1] *Nec fortitudo lapidum, fortitudo mea, nec caro mea oenea est.* Cap. 6 v. 12.

[2] *Taedet animam meam vitae meae, dimittam adversum me eloquium meum, loquar in amaritudinae animae meae.* Cap. 10 v. 1.

[3] *Supra modum gravati sumus supra virtutem (naturae) ita ut taedaret nos etiam vivere.* II Corinth. Cap. 1 v. 8.

Regressará para Portugal o insigne Prelado! Não teve meios, dirá elle, e este dizer sincero importará censura, ou queixa de nós os portuguezes, que aqui estamos á sombra de todos, ou bastantes recursos espirituaes e corporaes, muito bem descançados, em quanto os nossos irmãos de Angola não tem quem lhe administre o pão indispensavel de doutrina christã, o dos sacramentos; e por isso ali morrem aos centos, aos milhares, todos os annos, inteiramente desprotegidos, pelo que toca a pontos de salvação.

Ali se estão condemnando tantas almas, por que nós os portuguezes não queremos, ou nos desleixamos em colher e mandar algumas esmolas, e por este modo alargar mais a esphera de acção ao bondoso Prelado.

E advirta-se, que se estas esmolas affluirem a outra falta de que se queixa o Senhor Bispo — a de Padres, póde começar a remediar-se.

Se elle abundasse em meios, cuidaria de haver missionarios, e decerto os havia.

Mas sem nada, ou quasi nada?...

E com effeito os recursos em dinheiro são uma das molas mais indispensaveis para despezas, sem as quaes nada se concede.

Na França, por exemplo, onde a impiedade governa, e como tal guerreia quanto póde a Religião catholica, não permittindo em virtude *de lei* que aquella se ensine nas escolas publicas pagas pelo estado, os catholicos francezes estão-se vendo obrigados a fundar escolas suas, em que a infancia receba educação religiosa, que o governo lhe nega.

E podem estabelecer-se escolas por toda a parte da França sem grandes recursos pecuniarios? e donde virão estes recursos se não das esmolas dos bons catholicos francezes?

Por esta razão foi aberta, nos fins de maio, subscripção, e logo appareceu nas columnas do jornal o *Figaro* a primeira lista montando a 172:090 francos, ou 30:967:200 réis.

Poucos dias depois esta lista subiu a 500:000 francos, ou 40:000:000 réis, entrando n'esta somma a esmola com que concorreu de seu bolso o director do mesmo jornal: 10:000 francos ou 1:800:000 réis.

Tal é o modo como começou a grande subscripção em

Paris a favor do ensino catholico, que *uma lei* votada ha pouco, não permitte que se dê nas escolas de instrucção primaria. E bom será saber-se, que, só em Paris, já são educadas em escolas catholicas perto de 50:000 crianças.

Pelo que fica referido se vê o grande impulso, que de ha mezes a esta parte, começando por Paris, em grande escalla, lavra hoje por toda a França a favor do ensino catholico á infancia.

E por esta occasião vem a proposito dar conhecimento de alguns logares do artigo, que o referido jornal publicou juntamente com a lista, referindo-se a cartas e telegrammas recebidos. Dizia um: vou triplicar a somma, com que subscrevia já [1]; escrevia-lhe outro: visto que se trata de emprehender o ultimo esforço, participo-vos, que as pessoas do meu bairro se estão organisando para a subscripção, e se obrigam a apresentar uma somma de 500 francos — 90:000 réis; participava outro: Sr. redactor, eu não tenho dinheiro, mas disponho de tempo, e obrigo-me a empregal-o no serviço que se me quizer mandar fazer.

É portanto obvio o enthusiasmo que está lavrando entre os catholicos de França a favor da educação religiosa de seus filhos, que uma *lei* Lhe recusa.

Ainda ha poucos dias escrevia em Paris o redactor dos «Annaes Catholicos:» *c'est de París que partent les mouvements bons ou mauvais, qui se communiquent à la France, et de la France au monde.* Paris é o centro, d'onde se communicam á França e d'esta para o mundo assim os bons com os maus movimentos.

É verdade, quanto ao que é bom, em parte. Quanto ao que é máo, quasi que na generalidade.

Paris é a Babylonia de hoje, e se a historia vale, o porvir acudirá.

Deixado este ponto, abrace-se em Portugal o exemplo pelo que toca ao bem, o motivo é mais ponderoso.

Na França rompeu-se perseguição contra a Religião, querendo-se que não seja ensinada nas escolas primarias; é medida puramente infernal; todavia, ainda ha alli valiosos recursos, porque as creanças catholicas teem seus paes, a

[1] Muitas escolas catholicas em Paris sustentavam-se de esmolas, antes da subscripção, que agora foi aberta.

quem incumbe ensinar a doutrina christã, e tem os Parochos que a tanto são rigorosamente obrigados.

Mas em Portugal, pelo que diz respeito á Provincia de Angola e outras, aqui não ha parochos, não ha padres para a maior parte da população; não ha paes catholicos ou assaz instruidos para educarem seus filhos. Resulta que as creanças nascem e morrem a cada passo sem baptismo; os pagãos continuam no seu estado de brutalidade e assim acabam, sendo indubitavel a sua condemnação eterna.

É deploravel, é horroroso este estado; é porém muito mais deploravel, e muito mais horroroso, que em presença d'elle em Portugal se durma a bom dormir, não causando a mais leve impressão, não sentindo o mais brando remorso, não se tomando a mais simples medida para soccorrer a tantos males, os maiores, que se podem imaginar, quaes são os da ruina eterna de tantos infelizes, todos os dias e a todas as horas!

Horrorisa, quando se lê o estado da degradação moral em que jazem tantos povos africanos, ainda sujeitos á corôa portugueza: ha sacrificios humanos, ha em pontos mais remotos dias de gala, em que centenares de vidas desapparecem para tornarem os festejos mais brilhantes: horrorisa tudo isto, e não horrorisa, que tantas almas, não aos centos, mas aos milhares, sejam devoradas pelo demonio — o assassino desde o principio.

N'este caso, ha, apenas, alguns sentimentos de humanidade, alguns vislumbres de fé?

Quando os nossos reis trataram de juntar á corôa aquelles territorios, dominava-os principalmente o sentimento religioso, — a salvação das almas.

Quando Dom João II quiz segurar o dominio portuguez na costa occidental da Africa pelo estabelecimento de uma Fortaleza, a de *São Jorge da Mina*, o que traria grandes despezas assim na armada — dez caravellas com seiscentos homens a bordo, duas Urcas com todos os materiaes — pedra lavrada, telha, madeiras, etc., teve opposição no conselho, que a tal respeito convocou; elle porém não cedeu, e a razão que allegou foi a que se lê em João de Barros, T. 1.º Da 1.ª l. 3, cap. 1. Houve el-rei por maior bem UMA só ALMA, que por causa da Fortaleza podia vir á Fé por Baptismo, que todos os outros inconvenientes, dizendo, que Deus

proviria n'elles, pois aquella obra se faria em seu louvor; e assim para que seus vassalos podessem fazer algum proveito, e tambem o patrimonio d'este reino fosse accrescentado.

D'este logar se vê, que o grande Dom João II, não tendo em menos o proveito material de seus vassallos, e o accrescentamento do patrimonio da corôa, punha acima de tudo a gloria de Deus pela salvação, ainda que não fosse senão de uma alma.

Quando Dom Manoel entregou o commando da armada a Vasco da Gama, teve o mesmo pensamento, como se lê na Chronica por Damião de Goes, Primeira parte, cap. 23.º Elle diz ao Almirante: *pondo diante ho peso de tamanho negocio consistir não na despeza, que se n'elle podia fazer, nem no que n'isso se aventurava, senão* NO SERVIÇO DE DEUS, *e bem dos seus Reynos.*

Vasco da Gama acceita o commando, agradece ao rei a confiança, que n'elle depositava e declara, que o motivo principal que o determinava a acceitar era: *o serviço que n'isso esperava fazer a Deus e a sua Alteza.* Idem. cap. V.

Não discrepavam d'este modo de sentir e proceder Dom Affonso V, Dom Duarte, e principalmente Dom João I, que com os principes seus filhos arriscaram a vida na tomada de Ceuta, principio da quasi que incrivel grandeza de Portugal em todas as partes do mundo.

E em quanto reis, principes e nobres ou barateam o sangue pela causa de Deus e do reino; em quanto exercitos, tirados do povo, os seguem com denodo poucas vezes imitado; em quanto todos offerecem as suas vidas e milhares d'ellas expiraram nos campos das batalhas, e entre as ondas dos Oceanos:

Hoje, raro, muito raro é haver, quem se commova, quem se abale, quem estenda um olhar caridoso para nossos irmãos pela patria, que principalmente nas duas Africas portuguezas, estão morrendo não á mingua de alimentos, mas á falta de soccorros espirituaes, do que lhe resulta a morte eterna?...

É deploravel este estado, é precursor talvez da providencia rigorosa, bem rigorosa de Deus!

Mas ainda será tempo de suster a ira de Deus, que suspendendo-se em presença de esmolas só nos limites da vida

temporal, muito mais se applacará com as que forem feitas com destino á salvação eterna de homens, pelos quaes Elle derramou todo o seu sangue.

Haja, portanto, ponto na indifferença, que se tem dado a respeito de tantos povos sujeitos ainda a Portugal, que se o estivessem a outras Nações da Europa, embora protestantes ou turcas, teriam mais recursos religiosos do que tem.

Acuda-se desde já, principalmente á Africa occidental, onde um Bispo activo se cansa quasi que inutilmente, porque não tem padres, nem dinheiro.

Concorra-se para este com esmolas regularmente estabelecidas, que, se subirem, padres apparecerão.

Já este mez um publicista francez, referindo-se á perseguição contra a educação religiosa dos meninos, escreveu estas palavras, que nos podem servir de guia e de estimulo.

Cette grande plaie, l'or de la France peut la guérir.

Esta grande chaga póde cural-a o dinheiro francez.

ANGOLA E CONGO

Extracto de cartas recebidas de varios pontos da Diocese

SÃO PAULO DE LOANDA

Logo que o Senhor Bispo entrou na administração da Diocese tomou as mais necessarias e acertadas providencias. Eis como elle se exprime n'uma carta recebida em Lisboa:

«Mandei annunciar praticas nos domingos, á noute, ora n'uma freguezia, ora n'outra. Á primeira e á segunda faltaram ouvintes. No terceiro domingo seguinte concorreram umas trinta pessoas.

«Tenciono organisar com a possivel brevidade uma missão na Huilla, onde se acha uma colonia, vinda ha pouco da republica de Transwal: são emigrados que vem fugindo ao jugo britannico. O Parocho de Huilla, entre outras cousas, para a decencia do culto, em presença de uma colonia protestante, que tenciona evangelisar, pede um pallio e uma cruz dourada para as procissões.

«Fez-se com a solemnidade possivel a Semana Santa. Assisti a tudo com muito boa vontade. Até nem ás procissões da noute quiz faltar. Consolei-me em lavar os pés aos pobres, e beijal-os, embora negros. Depois subi ao pulpito, tratei da tocante ceremonia de que o Salvador nos deu exemplo, e tambem do adoravel Mysterio da Eucharistia. Soube depois que o discurso tinha agradado muito. Louvado Deus por tudo.

«Tenho a postos os meus cooperadores. Um padre vae fazer a catechese ao corpo de caçadores n.º 2, outro ao

corpo da policia, outro á cadeia civil, outro a caçadores n.º 3, ao corpo de artilheria e prisões da fortaleza.

«Nas egrejas parochiaes ha catecheses.

«As missas estão distribuidas aos domingos, de modo que, sem incommodo, a ouçam todos os que quizerem; sendo a minha a ultima, para as pessoas que se levantam mais tarde. Bem me custa estar até tão tarde em jejum, mas heide cortar todas as desculpas.

«Nota-se que ás egrejas começa a ir mais gente. Ás festas da Semana Santa as senhoras não faltaram; ha um pouco mais de movimento religioso.

«Não me tenho descuidado com algumas pastoraes para se lerem nas egrejas; não as tenho mandado imprimir, porque ficam caras, e eu não posso com tanto.

«Quando começar a fazer sermões misturados de portuguez e da lingua bunda, dando pedaços a uns e pedaços a outros, a cousa hade ser interessante; é porém uma necessidade, afim de que o pão da divina palavra chegue a todos.

«É impossivel que haja Bispo tão procurado para beneficios temporaes, e tão pouco para os espirituaes. Aqui pede-se para tudo: são de todos os lados, os presos da cadeia, os particulares, as viuvas dos degradados, os que acabam o degredo, e que não tem com que passar ao reino, para enterros, etc. Oh! quanto eu seria feliz, tendo, pelo menos, tanto quanto tem qualquer Bispo do continente, para fazer o bem que agora desejo! Seja feita a vontade de Deus, que só Elle me mandou para aqui.

«Fui á fortaleza com os meus padres confessar presos, e alguns adultos pretos, que sairam para Timor.

«Hontem vieram aqui pedir-me para baptisar dez creanças na ilha do Cabo, que me fica fronteira ao Paço.

«Comecei o Mez de Maria com alguma desconfiança de que não viria ninguem; mas entendi que eu e os padres tambem eramos gente, e tem-se continuado. Hontem lembrei-me que era dia de distribuição de bilhetes, levei-os para a egreja; o padre offerecia a quem queria, eu aproveitei-me primeiro, e apoz de mim foram todos, e então notei que havia mais gente do que eu suppunha; não chegaram os bilhetes. Viva Maria!

«A devoção faz-se á noute, e lá continúo a ir, apezar de ser por vezes advertido, que a minha vida corria risco.

«Assim estamos: é a egreja militante, que por toda a parte combate.

«Peçam pois muito aos Santissimos Corações de Jesus e Maria, que afinal esta pobre egreja, que já teve fructos tão abundantes, chegue a triumphar. Encommendo isto muito a todos.

«Faltam-me professores e directores para o seminario, e mesmo seminaristas; comtudo abriu-se com seis alumnos brancos, filhos legitimos, o que é bem raro de encontrar aqui.

«Se derem noticia de alguma pessoa rica, que deseje empregar bem o que Deus lhe deu, digam-lhe que se entenda comigo, para arranjarmos operarios para esta vinha de cabellos pretos e brancos; e justamente do que temos necessidade é de operarios de grande espirito. Os boeros receberam bem o padre que para lá mandei. Peço livros hollandezes para elle aprender esta lingua. Os boeros receiam os ministros protestantes por serem inglezes.

Em outra carta datada de S. Paulo, escrevia o Senhor Bispo:

Parochias vagas

1. Nossa Senhora do Cabo, na ilha de Loanda.
2. A de Columbo.
3. A de Icolo Bengo.
4. Mansangano.
5. Barra do Bengo.
6. Alto Dande.
7. São José de Encoge.
8. São José de Libongo.
9. São José do Zum de Galengo.
10. São João de Talla Matumbo.
11. Nosso Senhor do Destino de Cumbe.
12. Nossa Senhora do Livramento de Chocolo.
13. São João Evangelista em Quilombo-guia-catabio no Golungo Alto.
14. São Joaquim de Lucambe nos sertões de Ambaca.
15. São João Nepomuceno em Gallongue.
16. Quillonges.
17. Campamgondu na Huilla.
18. Presidio do Duque de Bragança.

«Nas Parochias de numero 1 a 9 e de 16 a 18, de quando em quando tem apparecido missionarios, que se veem a braços com grandes difficuldades. Concorre o gentio, quando o missionario se apresenta, e para receber o baptismo está sempre prompto; acode o missionario, dizendo, que é indispensavel o conhecimento da doutrina christã, responde, que não póde demorar-se, e ausenta-se logo, tendo vindo de muitas leguas de distancia, e ainda em cima diz mal do missionario. Vae o missionario aos centros da população em cubatas, que abundam em gentio, dizem-lhe logo: aqui não é o logar do baptismo, hade ser na egreja. Se o missionario quer administrar o baptismo a creanças, oppoem-se logo, dizendo: por modo nenhum, porque morre mais depressa. Se o missionario quer instruir algum adulto para o baptismo, recusa-se dizendo: não tenho ainda padrinho. Não é necessario, responde o missionario, instrui-vos primeiro, e aproveitae a occasião do baptismo. Não, respondem: sem padrinho não se fica baptisado.»

Carta do Rev.^mo Sr. Boaventura dos Santos, Parocho de Huilla ao Ex.^mo e Rev.^mo Sr. Bispo de Angola e Congo

Huilla, 8 de junho de 1881.

«Ex.^mo e Rev.^mo Sr. — Levo ao conhecimento de V. Ex.ª que recebi o officio de V. Ex.ª de 7 de abril, e pouco depois os paramentos, que constam da relação, que acompanha o officio, que agora envio em conformidade com o que por V. Ex.ª me foi ordenado.

«É inexprimivel a satisfação, que senti, quando recebi os paramentos; os mais que tinha pedido e não poderam vir, por não os haver, não fazem a maior falta. Tenho a certeza que V. Ex.ª os encommendou; por isso fico esperando, que logo que seja possivel, me serão egualmente enviados.

«Com referencia á nova colonia dos Boeros, só posso dizer, por emquanto, que procuro estabelecer entre mim e elles toda a fraternidade em tudo quanto possivel, e apenas me tenho limitado a significar-lhes particularmente os meus desejos, porque não sei ainda fallar o hollandez; quando sou-

ber, não me descuidarei de fazer-lhes vêr, que vivem em erro, ou enganados, e mostrar-lhe a verdade inalteravel da nossa Santa Religião.

«Tenho manifestado grande empenho em construir uma capella n'este logar, porque é de summa conveniencia, e necessidade. Tratei logo que para aqui vim de edifical-a, mas fui infeliz, porque se desmoronou depois da festa, e assim, ficaram até hoje inutilisados os meus esforços. Mas ainda não desanimei, e persisto na minha idéa até realisal-a. O actual chefe d'este concelho disse-me, que ia requisitar de S. Ex.ª o governador geral uma verba de réis 400$000 para este fim. Se esta quantia me fôr abonada, verei realisados os meus mais ardentes desejos: uma tal somma não é avantajada, nem pesada á fazenda, mas muito sufficiente para este fim, com os recursos de que aqui posso lançar mão. O digno chefe não fez ainda este pedido, porque tem de partir para os Gambos, afim de resolver as questões, que alli se suscitaram; incumbiu-me de pedir a V. Ex.ª, que se digne de empregar, para a boa solução do negocio, sua muito valiosa protecção e influencia. Antecipo-me no meu pedido, e pondero a V. Ex.ª, que pode vir resolvido no primeiro paquete. É assaz conveniente, porque n'esta localidade, de outubro a março, não se póde trabalhar, por causa das chuvas, que são muito abundantes.

«Deus guarde a V. Ex.ª — O Parocho, *Boaventura dos Santos*.

A respeito d'esta carta escrevia o senhor Bispo para Lisboa n'estes termos.

«Quanto á Huilla eis ahi, Ex.mo Sr., um officio, que acabo de receber do Parocho. Agora peço a V. Ex.ª, que veja se é possivel arranjar do governo da metropole a quantia que elle pede, por que aqui não ha dinheiro para taes despezas; e eu sei quanto é importante n'aquella localidade uma capella; hoje principalmente, que além dos Boeros, ha uma colonia importante de portuguezes, que comparativamente com Loanda, e superiormente a Mossamedes e Benguella juntas dá melhores resultados para a Religião.

«Cinco casamentos houve em Huilla em 1880. Tantos não houve em Benguella, Mossamedes, e outros pontos impor-

tantes juntos. E eu costumo aferir o estado de uma Parochia pelo numero dos casamentos.

«O parocho de Huilla, ha tempo, depois de me fazer vêr em um officio a conveniencia de ter com a maior decencia todos os objectos do culto n'aquella localidade, fazia uma grande relação de cousas, que a não valer-me das minhas habilidades, não sei como arranjar tantas cousas; pois que demandava uma despeza de mais de 800$000 réis. Gostei do arreganho com que me fallava, porque significava zelo e interesse (e eu tenho-o em muito boa consideração) e espero dentro em pouco enviar-lhe tudo com ajuda de Deus e da condessa do Rio Maior. Já lhe enviei cinco paramentos e seis castiçaes.»

MISSÃO NO REINO DO CONGO

Carta do superior o sr. Padre Antonio José de Sousa Barroso em 2 de julho de 1881 ao Senhor Bispo de Angola e Congo

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — N'esta data envio o relatorio, que ha muito desejava ter concluido; os incommodos porém que tenho soffrido, bem como os do secretario da missão, impediram-me de realisar os meus ardentes desejos de ser pontual.

«Na elaboração do relatorio attendi mais á verdade dos factos, do que á fórma, como V. Ex.^{a} terá occasião de verificar. Agora exporei mais particularmente a V. Ex.^{a} o estado da missão.

«O rei actual do Congo, de catholico só tem apenas o nome. E pois evidente, que o povo segue o seu exemplo. Com isto não quero dizer, que deixa de praticar alguns actos externamente religiosos; porém a sua vida, passada no meio de um serralho e as suas superstições, por quanto tenho motivos para crêr que tem em casa *manipansos*, e que ajuda, quanto póde, todas as festanças de seus subditos, desmentem todos os titulos de catholico e até de christão.

«O rei faz todas as instancias para se baptisarem adultos, mas os que se apresentam de modo algum querem aprender a doutrina, de que nada sabem; nem o signal da

cruz. Hoje já algumas mulheres o fazem bem; mas conseguindo ensinar a doutrina, levanta-se difficuldade ainda maior; é a seguinte: Em regra os adultos vivem todos amancebados, e por cousa alguma deixam aquella vida: o homem tem, pelo menos, duas mulheres, que não despede, nem as mulheres o abandonam. N'este estado, ainda que conheçam as verdades essenciaes da doutrina christã, não é possivel haver dôr e arrependimento de uma vida desregrada, quando se não está prompto a abandonal-a.

«Estou esperando ha muito instrucções de V. Ex.ª ácerca do casamento do rei: é possivel que, se este se realisar, os subditos sigam o exemplo, e se resolverão para esse fim a serem instruidos.

«Deus Nosso Senhor lhe toque no coração. Na escola alguma cousa se vae fazendo; mas como já informei a V. Ex.ª, querem que se lhes pague, ou ao menos lhes dêem pannos para vestir, como fazem os inglezes: ora esta nossa missão não tem recursos para taes exigencias. D'isto e do desprezo que este povo tem pela instrucção, resulta o ser pouco frequentada. Está encarregado da escola o Padre Folga.

«E já que fallei nos poucos recursos da missão, direi a V. Ex.ª que estou convencido, que mal chegarão as congruas e gratificações, que o governo nos dá, a não ser com muita economia, e só assim.

«Uma das grandes despezas que aqui fazemos é a dos transportes; estes são carissimos.

«Actualmente está aqui só um inglez, os dois companheiros creio que estão no Zaire. Sei de fonte segura, pois quando d'aqui partiu, o disse o superior da missão ingleza, que dentro em tempo mais ou menos longo, tencionava trazer para o Congo uma irmã, que tem na costa do norte, para estabelecer uma escola de meninas; n'isto mesmo se occupa a tal irmã no logar citado.

«E' muito possivel que isto venha a acontecer, pois este mesmo individuo mandou em tempo vir para o Congo uma senhora ingleza, mulher d'elle, creio que já para aquelle fim; esta porém morreu pouco depois de chegar aqui.

«Era pois occasião propicia de V. Ex.ª conseguir para este reino as Irmãs Franciscanas da Caridade, pois vendo os inglezes, que as nossas lhe levavam a dianteira, ou não tentariam, ou se tentassem não seriam bem succedidos. Se

elles chegam a fazer o que tencionam, é uma brecha de mais, que abrem nos interesses catholicos, como na nossa influencia já muito avariada n'estes pontos.

«Estou certo que com muito trabalho conseguiremos algum fructo; principalmente se houver aqui como ha em Timor um internato para raparigas. É preciso porém que sejam bem dotadas, porque não se pode contar com o auxilio do rei: estou certo que elle nem as protegerá, nem as hostilisará.

«Se o governo da metropole continuar a facultar-nos recursos para as obras, podemos aqui ceder-lhes uma cubata razoavel com um bom telheiro, que com pouca despeza se tornaria casa para o ensino, uma outra casa para despejos, dispensa e uma cosinha, que hade ser boa quando estiver concluida, uma capella e uma horta com um bom serrado; isto na hypothese de se concluirem as obras, o que ainda está muito longe.

«Quando a missão partiu de Loanda, o governo deu-nos uma pequena pharmacia, que nos tem servido sufficientemente. Logo que cheguei, tratei de curar os que pude, pois conheci, que não tinham razão de ser as prevenções, que em Loanda nos aconselharam. Os indigenas soffrem sobre tudo de chagas e ulceras de todo o genero, que tratadas a tempo não tem resultados funestos.

«Caso mais grave deu-se com uma mulher, de cuja vida cheguei a receiar muito; appliquei-lhe um caustico, e baptisei-a. Não sei se feliz, se infelizmente: a mulher escapou; e digo: não sei, se feliz, se infelizmente, porque n'aquella occasião tinha as melhores disposições; ao passo que hoje continúa a viver na mesma vida, que tinha antes de baptisada.

«Os medicamentos estão quasi acabados, e não podemos mandar vir mais para curar esta gente por falta de meios.

«Os Inglezes tambem applicam remedios a quantos doentes se lhes apresentam, e tem tirado bom resultado.

«Ainda n'este ponto nos levam vantagem, não nos conhecimentos medicos, pois tenho razão para suppor, que os temos eguaes, mas na qualidade e quantidade dos medicamentos. Estabeleceram na cidade uma pharmacia, que se parece com as de algumas aldeias e villas em Portugal.

«Tinha escripto estas linhas, quando tive o prazer de re-

ceber a carta que V. Ex.ª se dignou escrever-me com data de 26 do passado. Surprehendeu-me a noticia de não ter V. Ex.ª recebido a correspondencia, tanto official, como a particular que d'aqui tenho regularmente enviado. É quasi certo, que tambem o governador a não terá recebido, o que causa aqui grande transtorno, pois estou sem recursos para continuar as obras, e não poderão chegar tão cedo, attentas as distancias e outras difficuldades, que surgem sempre quando menos se esperam.

«Estou persuadido que ha no Zaire alguem interessado em apprehender a correspondencia da missão. Se isto for verdade, como creio, é preciso tomar providencias a tal respeito, para o que lembro, seria bom haver duas malas, uma fechada em Loanda e só aberta no Congo, e outra fechada no Congo e só aberta em Loanda. Julgo que por este modo se evitaria o descaminho da correspondencia.

«Pela mesma carta vejo, que os trabalhos apostolicos, aos quaes com tanto ardor V. Ex.ª se tem entregado, já vão despertando as iras do inferno, que tem ao seu serviço homens tão infames, que se não envergonham de assacar as calumnias mais torpes para conseguirem seus fins perversos. Intento baldado! essa guerra é mais um titulo de gloria para V. Ex.ª

«Estamos catechisando um adulto e sua amiga para depois receberem o baptismo e o matrimonio legitimamente: são naturaes de Cabinda. Mandamos vir d'alli este homem, que nos ficou muito caro, mas assim era necessario, porque no Congo não ha quem saiba lavar roupa. Estou ancioso por fazer este casamento, para poder dizer, que no Congo ha uma união legitima.

«Dá tambem boas esperanças um dos artistas pretos, que veiu de Loanda, gosta de aprender a doutrina, e espero que d'elle se fará um bom christão.

«Não tenho recursos; vou por estes dias suspender todos os trabalhos: actualmente estamos fabricando a cal, que fica muito cara, já pelo local, onde é feita, que dista bastante d'este ponto, já pela conducção da pedra, que fica a duas leguas de distancia. Podia mandar vir do Zaire os recursos de que preciso, não estou porém auctorisado para isso: não o faço.

«Mando um portador ao Ambriz para levar esta corres-

pondencia: fica muito caro, mas antes caro e chegue, do que barato e perder-se. Elle espera n'aquelle ponto a resposta de Loanda a esta correspondencia, porque preciso saber sem grande demora, se posso, ou não contar com recursos, e até que ponto.

«Afinal depois de uma hypocrisia mal encoberta o rei desmascarou-se. Ha muito que não vinha á missa, dando por desculpa, que passava incommodado, ou que tinha somno, e outras d'este alcance. No domingo 16 de julho mandei-o avisar para vir á missa: voltou o individuo com a resposta, dizendo, que o rei n'este domingo não vinha á missa, porque era o por elle destinado para ir á capella dos inglezes. Foi então, que me contaram, que elle ia um domingo a cada parte, bem como as vinte e tres mulheres com quem vive. Quando elle vem para a capella portugueza, as mulheres vão para a ingleza, e vice-versa: veja agora V. Ex.ª como o rei é bom catholico, e aborrece a missão ingleza protestante! Disse-me, ha pouco, que queria tomar a hostia pequena, que os outros padres lhe davam sempre, quando alli iam; respondi-lhe, que, por emquanto, não podia ministrar a Sagrada Eucharistia a pessoa nenhuma do Congo.

«Até hoje não temos ido aos povos do Congo baptisar, nem o podemos fazer, emquanto não tivermos um altar portatil, dos que usam os francezes, que por serem pequenos são de facil transporte. Peço pois a V. Ex.ª, que se digne alcançar um para esta missão. A estada fóra da séde da missão fica muito cára, e por este motivo nunca poderá ser longa.

«Se a egreja, em construcção, se acabar, são precisas tambem algumas imagens; as duas que tem o rei, estão muito deterioradas, e não podem n'este estado ser expostas ao culto.

«Não temos o Santissimo Sacramento no Sacrario, por ser a capella construida de palha e offerecer pouca segurança. A capella nova deve ser mais decente, mas tambem de palha; está quasi prompta. Dá-se porém difficuldade, quanto ao azeite, que aqui não ha, e creio que a missão não poderá com a despeza de prover-se do azeite.

«V. Ex.ª determinará o que devemos fazer.

«Alguns missionarios francezes de Sandua estão a estas

horas em viagem para Stanleypool, ponto muito avançado no Zaire. De Nivi, logar visinho de Noki áquelle ponto são vinte dias de viagem, não havendo obstaculo imprevisto. Todos alli apparecem, menos os portuguezes!

«Ha pouco escreveram-me do Zaire, que alli se tratava, aliaz tramava, uma conspiração para se não dar pratico á canhoneira portugueza, que tinha de vir a Boma ou Noki, creio que será verdade, pois devia estar bem informado quem me dava esta noticia.

«Temos grande necessidade de um harmonium; os maus tratos da viagem quasi que inutilisaram aquelle que comprámos. É um instrumento de grande interesse para a missão. Os inglezes tem nada menos que quatro entre grandes e pequenos.

«O Padre Sebastião tem estado e continúa a estar doente com chagas nos pés.

«Todos nós temos padecido de febres; actualmente eu as estou soffrendo todos os dias.

«Não tenho a informar senão bem do Sebastião; é aqui muito preciso.

«Congo, 2 de julho de 1881. — Padre *Antonio José de Sousa Barroso.*»

Carta dirigida ao Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr. Bispo pelo Superior da Missão do Congo

Ex.mo Rev.mo Sr. — Em cumprimento das ordens, que foram transmittidas por V. Ex.ª em officio n.º 76 de 16 de Abril ultimo, tenho a honra de passar as mãos de V. Ex.ª o incluso relatorio por onde V. Ex.ª conhecerá o estado em que se encontra esta missão, as difficuldades com que tem a lutar, a ignorancia d'este povo em materia religiosa, os seus depravados costumes e os meios que julgo mais aptos para os melhorar.

Deus Guarde a V. Ex.ª Residencia da Missão Portugueza em S. Salvador do Congo, 24 de Julho de 1881. — Ex.mo Rev.mo Sr. Bispo d'Angola e Congo. — *Antonio José de Sousa Barroso.*

RELATORIO

Do Superior da Missão do Congo ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo d'Angola e Congo

Ha muito que de todos eram bem conhecidas as necessidades religiosas do Congo, subjeito á jurisdicção dos Ex.^{mos} Bispos d'Angola, por ser parte integrante da Diocese d'este nome. Este reino que, n'outro tempo, teve em seu seio uma sede episcopal e communidades religiosas, ha muito que não tinha nem sequer um padre com residencia permanente; pois algum que de longe em longe ali era enviado, apenas com muito custo e trabalho podia baptisar as pessoas que se lhe apresentavam, sem que para isso fossem previamente preparados; o que deu em resultado a paganisação d'estes povos, de maneira que se os baptisados se podem actualmente contar aos milhares, os verdadeiros christãos nem ainda por unidades. Condoido de tal situação o Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr. Bispo d'Angola e Congo, D. José Sebastião Netto, coadjuvado pelo Governo de S. M. F. bem como pelo Ex.^{mo} Sr. Governador Geral da Provincia, houve por bem attender ás repetidas instancias do rei do Congo, que muitas vezes havia pedido missionarios para o seu povo, enviando áquelle reino uma missão Catholica, permanente, que pelas condições d'estabilidade podesse offerecer vantagens á Religião e á Patria. Depois dos individuos, aliás, indispensaveis preparativos, partiu a Missão a bordo da canhoneira *Bengo*, que se achava surta no porto de Loanda, no dia 20 de janeiro do anno de mil oito centos e oitenta e um. No dia seguinte pela tarde, aportámos a Banana, ponto magnifico, situado na embocadura do Zaire. Banana está destinada, quanto e póde prever a perspicacia humana, para vir a ser (e já em parte o é) um emporio do commercio d'Africa Equatorial, compondo-se de grandes feitorias, recebe actualmente todo o commercio do Zaire, que é abundantissimo. Quando desembarquei era quasi

noute, e por esta razão não me foi possivel apreciar devidamente este lindo ponto, que me parece estar reservado pela Providencia para de futuro desempenhar um papel importante na historia da civilisação Africana.

No dia 22, deixámos Banana ás 6 da manhã e continuámos nosso curso, rio acima, sem incidente algum notavel. O Zaire n'este ponto tem uma largura tal, que se assemelha a um mar. As trinta e tres legoas que distanceiam Banana das feitorias de Noque podem ser divididas em tres Zonas perfeitamente distinctas. A primeira estende-se da foz do rio até o Porto da Lenha, e deve ser d'uma fertilidade espantosa; o terreno que margina o Zaire é litteralmente coberto d'uma vegetação esplendida; as margens são pouco definidas; pois o rio, que é demasiado largo, ora entra no dominio dos bosques, ora recolhe ao seu leito ordinario. Esta Zona é sem duvida a mais baixa e provavelmente a menos salubre. Do Porto de Lenha, ponto que não examinei de perto por navegarmos no canal do sul até Boma, os terrenos que orlam o rio, apresentam uma perspectiva mui differente da que ficou descripta, talvez mais pittoresca, menos exuberante na sua vegetação, e agradavelmente accidentada: esta zona deve ser menos fertil que a primeira. N'esta secção as margens do rio accentuam-se mais e mais, e tudo mostra que este principia a entrar n'um leito perfeitamente definido. De Boma até Noque o Zaire torna-se muito menos largo, as margens são altas, e os terrenos que o cercam erriçados de morros, o caracter de fertilidade da primeira Zona, vae-se extinguindo de modo que desapparece da ultima. Chegámos á pittoresca estação de Boma ás cinco horas do dia 22: apenas desembarcámos fomos bem recebidos pelo gerente e empregados da casa Portugueza Faro, offerecendo-nos aquelle os seus valiosos serviços de que nos temos aproveitado.

Sabendo que em Boma estavam dois Missionarios francezes, pertencentes á florescente missão de Landana fomos visital-os, sendo acompanhados pelo illustre commandante do *Bengo*. Disseram-nos entre outras cousas, que na escola que ali estabeleceram, contavam apenas 21 alumnos, na maxima parte mandados pelos europeus, residentes n'aquella localidade, pois os indigenas poucos enviavam. Que na occasião em que organisaram aquella missão, ha perto d'um

anno, os pretos vieram trazer-lhe os seus objectos de commercio, e respondendo lhes os padres, que não tinham vindo para commerciar, mas unicamente para salvar as almas d'elles, disseram que não podia ser, porque os brancos só ali iam para se entregarem ao negocio. No dia 23 ás 6 da manhã levantou ferro a canhoneira, continuando a nossa viagem, sempre com felicidade, apesar da corrente que em alguns pontos é d'uma violencia extraordinaria, ás onze horas passámos em frente de Mossuco, estação situada na margem esquerda do Zaire, não tocámos n'este ponto seguindo directamente para Noque.

Mossuco pode ser tambem o ponto de partida para o Congo, e apesar da preferencia que alguns lhe concedem, julgo ser melhor o de Noque. No dia 23 de Janeiro pela uma hora da tarde ancorava a canhoneira *Bengo* em frente de Noque Lucango, termo da viagem e da missão, de que estava incumbida. Em Noque ha duas feitorias; uma portugueza e franceza outra; ambas são muito modernas, senão todavia mais antiga e mais importante a portugueza. D'este ponto a Vivi, que se descobre d'uma eminencia, e que é a residencia actual e ordinaria de Stanley, distanceiam 20 milhas. Noque é um dos pontos desagradaveis do Zaire, cercado de montanhas, tendo a pessima visinhança d'um pantano sem mais vegetação, que a do capim, que é abundante em todas estas terras. Noque só se torna recommendavel pelo commercio, que do Congo e povos visinhos ali affluem. Apenas a canhoneira lançou ferro, veio a bordo um filho do rei do Congo, empregado da casa franceza, que nos deu a pouca satisfactoria noticia de que os carregadores não tinham ainda chegado. E este filho do rei, chamado D. Alvaro, prestou-nos mais tarde relevantes serviços influindo já com os carregadores, já acompanhando-nos até á capital; creio tambem que é d'entre os seus numerosos irmãos o que mais feição tem aos portuguezes. Na duvida se a carta do Ex.^mo Governador Geral d'Angola teria chegado ás mãos do Rei do Congo, foi no dia immediato ao de nossa chegada expedida uma ordenança a S. Salvador para activar quanto possivel a vinda dos carregadores: emfim depois d'uma enfadonha demora chegaram estes e o enviado no dia 6 de fevereiro, estando tudo preparado para a partida, que effectivamente teve logar no dia 8 ás 6 da manhã. Uma

viagem por pequena que seja, n'Africa, é sempre difficil; ora são os carregadores que se recusam a marchar, ora o caminho que, profundamente cavado pelas chuvas, apresenta precipicios a cada passo; em summa, são tantos os obstaculos que impossivel me he enumeral-os todos. Felizmente a Providencia foi-nos com mão amiga removendo todas as difficuldades, de modo que concluimos satisfatoriamente o primeiro dia da nossa viagem ás 5 e meia horas da tarde, resolvendo acampar em Quinda, povo insignificante, mas bem situado n'um pequeno plano alto muito fertil e agradavel. Logo que chegámos foi posta á nossa disposição uma cubata para n'ella passarmos a noite: entre este ponto e Noque encontrámos um pequeno povo, onde alguns homens fallavam soffrivelmente, o portuguez, lingua que não mais ouvimos aos indigenas até ás proximidades de S. Salvador. No dia 9 pela manhã continuámos a nossa derrota percorrendo um tracto de terreno mais montanhoso e sáfaro do que o do dia antecedente.

Em geral o terreno era pedragoso, e tinha todos os caracteres de pouco fertil; o povo mais importante que encontrámos foi o de Tambouco, ás 5 e um quarto acampavamos em Momusa, pequeno povo situado em um descampado, onde nos veio surprehender uma furiosa trovoada, seguida de copiosissimas chuvas; passámos uma noite desgraçada, pois ficámos encurralados n'uma cubata que apenas teria capacidade para duas pessoas, sendo nós seis e algumas molhadas. Emprehendemos com bons auspicios o terceiro dia de viagem, pois o dia estava magnifico, a manhã fazia lembrar as de Maio em Portugal. Passámos por muitos povos, alguns de certa importancia; esta zona de terra é fertil, agradavelmente accidentada, e seus habitantes parecem-me mais brandos e mais aptos para receberem os beneficios da civilisação do que os antecedentes. Pernoitámos em Talabanza, povoação formada de sete ou oito cubatas no cimo d'um grande môrro. Partimos no dia 11 de Talabanza e meia hora depois passavamos o rio Pouzo, em seguida encontra-se uma secção de terreno alagadiço, porém d'uma belleza extraordinaria, onde existem petrificados uma grande quantidade de troncos. A viagem correu n'este dia sempre agradavel e pittoresca; acampámos ás 5 horas da tarde no mato por não haver povoação proxima; no dia se-

guinte continúamos a nossa viagem atravessando ás 8 da manhã Locassa, rio pouco importante, e ás 3 da tarde o Lunda que tem um grande volume d'aguas e uma fortissima corrente; julgo ter este rio 30 metros de largura. Ficámos esta noite em Banza Cumbi logar já bastante proximo de S. Salvador do Congo. No dia 13 puzémo-nos a caminho e chegámos ás cercanias de S. Salvador, pelas 10 horas da manhã, onde nos demorámos algum tempo para prevenir o Rei da nossa chegada. Partindo de Noque no segundo dia, ha uma bifurcação de caminhos, uns preferem o que chamam Novo, outros o Antigo; nós seguimos este que é incommodo bastante por causa das muitas aguas que a cada passo embargam a passagem; do Novo não posso fallar senão por informações, dizem que é mais enxutò e até mais breve. O tempo em que emprehendemos a viagem foi incontestavelmente o peior para a realisar; o melhor é de meiado d'Agosto a Novembro, pois não ha chuvas e o capim, que é um grande obstaculo, está completamente queimado. Todos os povos com quem tivemos occasião de tratar em todo o trajecto da nossa viagem, são pagãos a julgar pelo grande numero de manipansos de horrivel catadura, pontas feitas de barro, cabeças, pernas, pennas d'aves e mil outras cousas que penduram nas testadas de suas cubatas, são fetichistas, nada de positivo pude obter a tal respeito; pois não tive o tempo preciso para estudar os seus costumes.

Convenientemente preparados, e tendo mandado ao Rei do Congo aviso da nossa chegada entrámos em S. Salvador, sendo immediatamente recebidos por S. M. que nos esperava cercado de innumeravel povo. Depois dos primeiros cumprimentos foi-lhe apresentada pelo capitão Mena, a carta que S. M. F. El-Rei de Portugal, lhe enviava. N'este importante documento era convidado o Rei do Congo a prestar á Missão Catholica, que se ia estabelecer em seus estados, todos os auxilios moraes e materiaes que lhe fosse possivel; para que assim coadjuvada esta pudesse desinvolver toda a sua actividade, e produzir todos os resultados que d'ella com justo titulo se podiam esperar. Concluida a leitura da carta, o Rei agradeceu em palavras breves, mas elevadas, os beneficios que do Rei e do Governo portuguez tinha recebido em muitas conjuncturas e na presente oc-

casião enviando-lhe a Missão que elle ha tanto tempo ardentemente desejava para o seu reino. Em seguida levantou-se S. M. e veio respeitosamente beijar os crucifixos que pendiam do peito dos missionarios.

Concluidas as ceremonias d'estylo, dirigimo-nos ao logar que nos estava destinado para habitarmos, onde procurámos installar-nos segundo as circumstancias o permittiam. Foi fixada para o dia seguinte a entrega dos presentes que de Portugal vieram para S. M., portanto á hora preestabelecida comparecemos nos Muros (nome que no Congo se dá á casa do Rei) onde já nos aguardava um numeroso ajuntamento, que devidamente tinha concorrido para presencear a entrega dos presentes que pelos brancos eram feitos ao Rei. Este novamente agradeceu todos os beneficios que do Governo Portuguez tinha recebido lembrando o muito que elles soffreram para o collocar no throno, quando este lhe era disputado por inimigos fortes; terminou por manifestar que seria sempre o mais fiel e dedicado Vassallo de Sua Magestade Fidelissima, e que a sua gratidão seria perpetua. O governo portuguez é digno dos maiores elogios, não só por ter enviado ao Reino do Congo uma missão religiosa e artistica que lhe releva em certo modo a culpa d'um esquecimento prolongado, mas tambem pelo modo digno com que apresentou os seus enviados.

Os presentes eram bons e não consistiam em geral, como de costume, em objectos, que pela maior parte nada concorriam para a moralidade e proveito de quem os recebia; honra pois a quem abandonou a rotina antiga que consistia em presentes, que só conseguiram fazer perder a cabeça d'aquelle a quem eram destinados. Apenas installados nas nossas pequenas cubatas, as chuvas torrenciaes, que alagam estas regiões vieram desapiedadamente sobre nós, que por falta de recursos em tal occasião, pouco preparados estavamos para as receber; as nossas casas de palha, pelo seu estado de ruina, e pela abundancia de chuva, filtravam a agua atravez dos tectos, tornando o pavimento um lamaçal, deteriorando os objectos, e prejudicando altamente a nossa saude, que de estado tão anormal ainda hoje se resente. N'esta lastimosa situação permanecemos dois mezes, estando sempre mais ou menos doentes e incapazes de emprehender qualquer trabalho importante, já pelo nosso estado de saude,

já tambem porque o tempo o não permittia, pois as chuvas eram continuas e torrenciaes. Vendo que os males que ali nos affligiam não permittiam terminar, resolvemos mudar de habitação para um logar que se nos afigurou melhor para a nossa saude, e que além d'isso tinha a grande vantagem de estar situado no meio do povo, tendo por visinha a residencia da Missão ingleza; não obstante a despeza que tinha mais a fazer com a reparação das novas cubatas, não hesitámos. Esta mudança algum bem nos fez, trazendo-nos grandes vantagens ao desempenho da nossa Missão religiosa. Aqui, na nova residencia se construiu um grande telheiro para abrigo dos artistas e d'um compartimento que arranjámos melhor, temos até hoje feito capella, aonde temos celebrado os divinos officios; tendo, porém, o povo concorrido em maior numero, esta é incapaz de o conter por ser demasiadamente pequena. Estamos tratando d'uma nova; esta pequena obra no Congo importa uma somma avultada de despeza e de cuidados em virtude das circumstancias em que este paiz se encontra. A Egreja de pedra, cuja construcção tanto anhelámos, só d'aqui a muito tempo e á custa de muitas despezas, e sacrificios poderá conseguir-se. Alimentei sempre a esperança de que a antiga Sé poderia ser reedificada, ficando assim um bom templo, sem demandar despezas extraordinarias; apenas, porém, se procedeu ao desentulho d'este lugar, quasi completamente obstruido pelo arvoredo e ervagem, que dentro do seu recinto se tinha desenvolvido, fiquei plenamente convencido de que nada se podia fazer n'aquelle sentido, pois as paredes, exceptuando as da capella-mór, estão por terra, e aquellas mesmas que existem de pé, acham-se em tal estado de ruina que seria demasiada temeridade tentar aproveital-as, que seria, digo,—Nem os alicerces podem servir para no mesmo ponto ser edificada a nova egreja; pois que a antiga tem proporções muito maiores que aquellas a que póde aspirar a nova. Eis as suas dimensões: cumprimento 35,61 metros. Largura 12,61 metros. Em vista d'estas medidas, a unica cousa que do antigo templo se póde utilisar, é a pedra que não é de pequeno valor n'esta terra onde escaceia.

(Continúa.)

CONSELHO CENTRAL
DA
ASSOCIAÇÃO CATHOLICA PORTUGUEZA

Estabelecido em Lisboa

Conde da Azambuja, presidente.
Desembargador Antonio Gaspar Borges, Prior dos Anjos, vice-presidente.
Padre José de Sousa Amado, secretario.
Henrique de Paiva Nunes Leal, Prior de Santa Maria de Belem.
Manuel Simões Theodosio, capellão do Mosteiro do SS. Sacramento em Alcantara.
Dr. José Antonio Mendes Lages.
Joaquim Antonio Pacheco, recebedor e thesoureiro, na Livraria Catholica, calçada do Carmo, 6, 1.°, Lisboa.

Observação

Com este primeiro numero de cartas são distribuidas listas de Dozenas contendo a importancia da esmola com que se pode concorrer annualmente.

Se chegar a realisar-se uma lista por Parochia, resultarão meios para acudir ás necessidades urgentes das nossas possessões, mórmente na mais importante, que é Angola.

Se alguma Parochia, por pobre, não poder completar lista, pela união com outra visinha se conseguiria facilmente esta boa obra.

Para melhor informação do estado das nossas colonias africanas póde vêr-se o opusculo: Associação Catholica Portugueza etc., publicado no anno findo, o qual se encontra na Livraria Catholica, e cujo producto será applicado para a Missão de Angola.

Não se menciona a Provincia de Goa na Asia, por motivo de que, não é a que mais necessita. Se os recursos porém da Associação o permittirem, será contemplada, em presença de pedidos, segundo o conselho determinar, não se faltando a outras missões em maior necessidade.

Nos Annaes que se forem publicando, além das noticias religiosas, ponto principal, haverá uma secção, em que se tratará dos logares mais productivos, e saudaveis das nos-

sas colonias; o que sendo conhecido, não poderá deixar de attrahir portuguezes, assim do continente, como das ilhas dos Açores e Madeira, querendo antes dirigir-se para territorios nossos, do que para outros estrangeiros, onde, em geral, encontram pobreza, miseria, e não poucos, para logo, a morte; e em todo o caso, sempre, aquella falta de carinho, ou considerações, que só a mãe patria sabe dar.

Por este modo, a Associação catholica portugueza póde ser de grandissima vantagem politica, concorrendo para o augmento da população, principalmente nas duas Africas, onde mais de quarenta milhões de colonos podem estabelecer-se, não sendo ainda muito para tão dilatadas regiões.

Se tantos milhares e milhares de portuguezes, emigrados, de muitos annos, a esta parte, conhecessem as nossas possessões africanas, não se desterrariam para sempre da sua patria; mas procurariam n'ella remedio para obviar á pobreza ou ainda para adquirir fortuna; por quanto quem se aparta do ninho natal para outras terras portuguezas não sae para fóra dos limites da sua patria, que ampara a mesma bandeira.

Além de que os maiores perigos, que se dão, as maiores desgraças que se realisam, não são aquellas, que ficam apontadas, mas sim outras, que tocam no espiritual, quanto á desmoralisação, e á perda da Religião verdadeira, a Catholica Romana, sendo os colonos induzidos a abraçar alguma das seitas, professadas nas regiões, onde os estabelecem.

É sobre este ponto, que se não explicam os engajadores de colonos, ou os negreiros de nova especie.

Se fossem claros a este e a outros respeitos, decerto não teriam conseguido levar d'entre portuguezes a milesima parte dos que tem conseguido alliciar para degredo perpetuo.

Ainda no principio do corrente mez de julho ahi se viu nas aguas do Tejo a bordo de um vapor inglez, o *Hansa*, o modo tyrannico e cruel, como eram tratados filhos de Portugal, mettendo-os no porão do navio, como se fossem gado, carneiros ou porcos.

E não era pequena porção de colonos, porque os que a auctoridade portugueza conseguiu livrar das garras dos contratadores subiram a duzentos.

Muitos outros lá se foram: *enganados:* sim *enganados.*

Nem um só portuguez, de tantos, se prestaria ao con-

vite da emigração para as ilhas de *Sandwich*, se os contratadores de carne branca, fallassem a verdade.

Que portuguez, homem, ou mulher, se determinaria a degradar-se para territorios, que ficam a 4:000 leguas da sua terra?

Que portuguez catholico, como são todos os que se convidam, se resolveria a ir para as ilhas de *Sandwich*, fóco activissimo da religião protestante, e por conseguinte com perigo manifesto de perder a religião verdadeira, e abraçar a falsa, sob a influencia de seus amos, ou senhores?

Que portuguez, homem, ou mulher trocaria, embora a pobreza, tantos e tantos gozos da mãe patria, por outros na ultima parte do mundo, onde os terremotos são violentissimos, e mórmente na principal ilha das de *Sandwich*, onde ha os dois maiores vulcões, que se conhecem em todo o mundo, e que de quando em quando invadem a ilha com lavas medonhas, na distancia de doze leguas em comprido, e oito de largo, como se viu em 1841?

Que portuguez, homem, ou mulher deixaria os desalinhos da sua terra, para ir viver no centro de uma população indigena, que vae desapparecendo por modo extraordinario, attenta a desmoralisação transmittida principalmente pelos inglezes n'aquellas desgraçadas ilhas?

Na possibilidade de tantos perigos, mórmente da perda de religião, nem um só portuguez, a ter-se-lhe dito a verdade sobre os territorios para que são convidados, se resignaria a deixar a sua terra.

Uma estatistica d'aquellas ilhas diz:

População em 1823	142:000
» » 1850	84:000
» » 1853	73:000
» » 1860	70:000
» » 1866	63:000

Por este modo a população indigena no espaço de 27 annos desde 1823 até 1850 teve a diminuição de 58:000 habitantes; de 1850 até 1853—11:000 habitantes; de 1853 a 1860, 3:000; de 1860 a 1866, 7:000 habitantes.

No espaço por conseguinte de menos de meio seculo nas ilhas de Sandwich a população diminuiu em numero de 79:000 habitantes: o que é devido em grande parte á des-

moralisação ali introduzida por colonos inglezes e outros.

E é para região tão immunda no sentido moral e religioso que os inglezes alliciaram colonos portuguezes, tendo em mira unicamente realisar a sua ambição á custa de tantos infelizes, que não conseguiriam desterrar, se a verdade lhes fosse manifestada!

Taes são as ilhas de Sandwich pelo que toca ao lado moral; quanto ao religioso, são peiores ainda.

A religião protestante é alli dominadora com a mais descarada intolerancia; e sendo assim nada mais natural do que a alliciação feita aos colonos catholicos, para abraçal-a; e o resultado será facil.

Não se julgue que ha exageração: nos Estados-Unidos da America do norte, existem hoje duas colonias de portuguezes da Madeira chegados alli em 1849, inteiramente protestantisados. Quem visitar o Estado Illinois encontral-os-ha na cidade de *Spring-field*, e em *Jacksonville*, tão desmoralisados em pontos de religião, que chegam a professar odio manifesto á Catholica, que é a de seus paes!

Assim tantos portuguezes, que nos ultimos annos da primeira ametade do seculo presente, não tiveram alli nem auctoridades seculares, nem auctoridades religiosas, que vigiassem, como lhes cumpria, abandonaram a sua terra, e a sua religião, e a fortuna, ou riquezas, que esperavam, em geral, não corresponderam. Um relatorio publicado n'um jornal protestante, e por isto muito parcial, de *Spring-field* no anno de 1878, diz, que só alguns abundam em meios, a maior parte só tem com que viver, sendo decorridos desde aquelle anno de 1849, vinte e nove annos.

Perderam a Religião, perderam a moral, perderam a patria, para no cabo d'este tempo, terem apenas para passar, o que sem tantos sacrificios poderiam conseguir na sua terra natal.

Boa lição para os que continuarem a ser tentados.

P. S. A subscripção a favor das escolas catholicas francezas, aberta pelo *Figaro*, segundo as ultimas noticias, ha poucos dias recebidas, montava no 1.º do corrente a francos 1.100:000, ou réis 198:000$000. É exemplo para admirar e para confundir... Que se vejam n'este espelho tantos portuguezes, e que accordem a favor de remedio a mal de maior alcance, que o que se dá em França.